



RACISMO E O LUGAR DO BRINCAR: *NEGRINHA* DE MONTEIRO LOBATO (1920)¹

Racism and the Place of Playing: *Negrinha* by Monteiro Lobato (1920)

Christian Muleka **MWEWA**
Campus Três Lagoas
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Três Lagoas/Brasil
christian.mwewa@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-7079-5836> 

Anailta Bastos de **OLIVEIRA**
Campus Três Lagoas
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Três Lagoas/Brasil
anailtabastosdeoliveira37@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-3243-6711> 

Angélica Caetano da **SILVA**
Colégio Pedro II
Rio de Janeiro/Brasil
angelicarural@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7349-7634> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

A partir de uma pesquisa qualitativa de cunho documental, com utilização da bibliografia como instrumento, toma-se como campo o conto *Negrinha*, obra de Monteiro Lobato (1920). O conto tem como tema central o racismo, mas também traz como plano de fundo as relações no contexto familiar e, de alguma forma, as relações trabalhistas pós-abolição. Porém, toma-se como objeto de análise "o brincar" como ponto de fuga e *móbil* para o viver da personagem principal do conto, *Negrinha*. A partir da análise desse aspecto, alicerçados em referenciais teóricos das ciências sociais, pode-se dizer que "o brincar", no conto, figura como uma instância de afirmação da vida sem o qual a vida não se justificaria.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar. *Negrinha*. Racismo.

ABSTRACT

From a qualitative research of a documentary nature, using the bibliography as an instrument, this article took as a field the short story *Negrinha*, by Monteiro Lobato (1920). This short story has racism as its central theme, but it also brings, as a background, the relationships in the family context and, in some way, the post-abolition labor relations. However, the article took as an object of analysis the act of 'playing' as a vanishing point and motive for the life of the main character of the tale, *Negrinha*. From the analysis of this aspect, based on theoretical references from the social sciences, it can be said that 'playing', in the story, appears as an instance of affirmation of life without which life would not be justified.

KEYWORDS: Play. Little black girl. Racism.

¹ Este texto foi revisado por: Rubia Graziela Steiner Baldomar, bacharela e licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como revisora de textos no Laboratório de Transportes e Logística (LabTrans) da UFSC desde março de 2015. Se tornou líder da Equipe de Comunicação no laboratório em 2018, acompanhando as atividades de bolsistas revisores e designers em diversos projetos. E-mail: Rubia Steiner <steinerubia@gmail.com>

INTRODUÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo concerne ao brincar tratado no conto escrito por Monteiro Lobato, *Negrinha*, publicado no ano de 1920, trazendo também alguns apontamentos sobre indagações e tensões étnicas/"raciais" que se encontram na obra. O conto traz em cena o recorte de uma sociedade pós-abolição, respectivo ao início do século XX, época em que o preconceito era de fato evidente entre os povos, principalmente contra os ex-escravizados. A evidencia do preconceito deve-se ao fato do reconhecimento do status de humanidade aos escravizados, ao serem colocados como partícipes da sociedade e não mais como objetos, abjetos e instrumentos de trabalho. Portanto, os escravizados passam a gozar da liberdade antes gozada somente pelos não-escravizados. Tal reconhecimento demandou ou instaurou mecanismos explícitos de preconceitos discriminatórios, ou seja, as hierarquias "raciais" passaram a vigorar para a efetivação da discriminação. Claro está, que a discriminação é anterior à Lei que aboliu a escravização (Lei Áurea n. 3.353 de 13 de maio de 1888)², porém a discriminação estava no contexto legal. Com a proibição da discriminação (limitar o acesso aos direitos sociais), o preconceito passa a ser operacionalizado de forma evidente, pois as ideias da inferioridade do povo não-branco legitimam os atos discriminatórios. É importante entendermos esse processo de forma não tautológico, pois antes a discriminação era legal e, com a abolição da escravização, a discriminação é proibida, legitimando o preconceito como forma de se relacionar com os não-brancos; esta forma vigora até os dias atuais.³

Negrinha, personagem trazida no conto por Monteiro Lobato, simboliza a órfã de pais escravos, que continua na fazenda, sendo "criada" pelos senhores dos seus falecidos pais, de modo que o brincar – elemento fundamental na vida de uma criança – lhe era negado.

² A Lei Áurea (Lei nº 3.353), foi sancionada pela Princesa Dona Isabel, filha de Dom Pedro II, no dia 13 de maio de 1888. A lei concedeu liberdade total aos escravos que ainda existiam no Brasil, um pouco mais de 700 mil, abolindo a escravidão no país. In: <https://www.todamateria.com.br/lei-aurea/> (Acessado em 23 de fevereiro de 2023).

³ Para uma discussão mais aprofundada destes aspectos sobre vida dos negros na sociedade brasileira, ver os trabalhos de Florestan Fernandes (1972, 2004 e 2008). Não é nossa intenção, neste artigo, realizar uma exegese sobre esta temática diante da complexidade da mesma. Dito de outra forma, fugiria das nossas pretensões aprofundar individualmente os temas aqui tratados. Estes devem ser tomados na sua dimensão constelativo para melhor compreender o objetivo deste artigo.

Este artigo baseia-se em pesquisa qualitativa e documental, com instrumentos bibliográficos, com o objetivo de estudar e analisar o contexto da obra de Monteiro Lobato denominada *Negrinha*, enfatizando também o brincar. Lembramos que as brincadeiras faziam parte da cultura, entretanto nem todas as crianças tinham acesso a elas. Assim, podemos aqui afirmar que muitas vezes a própria Negrinha era na verdade o próprio brinquedo, tanto para a Sinhá Inácia, personagem de grande importância presente no conto, que dizia ser a “dona” de Negrinha, como para as sobrinhas da Sinhá. Essa afirmação, de ser dona da negrinha, se deve ao fato de Dona Inácia ter acolhido a órfã. Este tipo de caridade atestava a benevolência desta senhora perante, por exemplo, a Igreja. É no papel de “dona” que a senhora se autorizava aos maus tratos à negrinha, mesmo em uma sociedade pós-escravocrata. Além de ter sido tirado de Negrinha seu direito de brincar, ela sofria grande preconceito por ser uma menina órfã de pais escravos, que não tinha nome, apenas seu apelido “Negrinha”, além de outros “apelidos” (xingamentos), como “diabo”, “lixo” etc., de modo que o conto pode ser tratado em âmbito de denúncia social/racial.

Nesse sentido, esperamos ser possível um entendimento aprofundado desses elementos da vida social para uma análise crítica da vida de Negrinha. Visto que o brincar é um direito da criança e também faz parte do seu desenvolvimento físico e intelectual, esse elemento deve ser formado em diferentes dimensões. Após a Negrinha conhecer “o brincar”, ela deixou de ser um objeto e passou a ser um sujeito: entretanto, após ser retirado novamente “o brincar” de sua vida, ela adoeceu, definhou e se fez morrer.

É importante salientar que o nosso objeto são as tensões étnicas e “raciais” e não as infâncias que são tomadas como campo para a aproximação com o objeto no afã de poder explicitá-lo. As percepções das infâncias e as relações “raciais”, no campo dos estudos sobre as infâncias, são tematizadas, por exemplo, por Santiago (2020), Abramowicz (2001 e 2017), Oliveira (2004), Pinto, Mwewa e Bispo (2016) dentre outros/as.

De outra forma, buscamos, a partir do estudo do conto, compreender e reafirmar a importância do brincar na vida das crianças. Pode-se dizer que essa atividade traz a possibilidade de retomar a humanidade, assim como indicado no conto através do contato com “o brincar” da Negrinha. Ao brincar, Negrinha se sentiu “pessoa”, diferenciando-se dos objetos com os quais era literalmente quase igualada, quase, pois ela era vista com tendo um valor inferior.

1 RAÇA, RACISMO, ETNIAS E IDENTIDADE

A sociedade brasileira se constitui por diferentes grupos étnico-raciais e, de certa forma, se caracteriza em termos culturais como uma das mais ricas do mundo, marcada por diversas “raças”, etnias e identidades. Dessa forma, é necessário compreender esses três conceitos, os quais, para Munanga (2004), servem como uma forma de operacionalização de pensamentos. Vejamos o que fala o autor em relação ao conceito de raça:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etno-semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. (MUNANGA 2004, p. 6).

Segundo Munanga (2004), o conceito de raça atua efetivamente entre as classes sociais desde os séculos XVI-XVII. São várias as colocações a respeito dessa temática; segundo Guimarães (1999), a raça não corresponde a nenhuma realidade natural e sim a uma forma de classificação social, portanto podemos ter uma compreensão da construção social, cultural e política, de modo que ela pode gerar vantagens e desvantagens às classes sociais. Mais uma vez, faz-se importante reafirmar, por exemplo, que o racismo, como uma atitude, é algo que se faz presente na obra e na vida de Negrinha de Monteiro Lobato. Outro autor que traz uma grande contribuição sobre essa temática é Almeida (2019), o qual menciona em sua obra que:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que trata-se de um conceito *racional e histórico*. Assim, a história da raça ou de raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, 2019, p. 18).

De acordo com os autores citados nos parágrafos anteriores, a raça é vista como um termo utilizado pela sociedade, mas, segundo eles, a raça está fortemente ligada ao poder, às ideologias de um determinado povo dentro do cotidiano, não podendo esquecer que também está ligada à política; conforme Almeida (2019, p. 22): “[...] a raça é um elemento socialmente político”.

Para prosseguir nesse discurso, continuamos com as afirmações de Almeida (2019), que frisa em sua obra a relação da raça com o racismo, tema ainda a ser

discutido nos próximos parágrafos. O autor descreveu que a raça é um fundamento para o racismo, termo que ele definiu como uma forma sistemática de discriminação.

Ainda segundo Almeida (2019), o racismo se distingue do preconceito racial e da discriminação racial. Levando em conta que essas duas expressões possuem diferenças entre si, o preconceito racial, conforme o autor, ocorre por meio de práticas discriminatórias dirigidas a grupos raciais; já a discriminação racial é uma forma de tratamento diferenciada a um grupo racialmente identificado.

Ainda em relação à discriminação, Almeida (2019) evidencia que ela pode ser direta ou indireta. A primeira é motivada pela condição racial e o indivíduo é tratado de forma estigmatizada, como “o” diferente, ou simplesmente é excluído de certos direitos, do ponto de vista de característica individual ou de características de grupo. Por sua vez, a discriminação indireta é basicamente relacionada a grupos minoritários, consistindo na imposição de normas e regras que em um primeiro momento parecem ser inofensivas, mas na prática não são. Pode-se dizer que:

A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social – o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material – é afetado. (ALMEIDA, 2019, p. 24).

Com o entendimento do que é raça e discriminação a partir de Almeida (2019), é relevante abrirmos um discurso sobre o racismo, conceito de grande significância para o presente artigo. Para um melhor entendimento, é viável uma abordagem sobre as colocações de Almeida (2019), autor que traz em sua obra três concepções de racismo: o individualista, o institucional e o estrutural.

O racismo individualista, segundo o autor, é um fenômeno ético que pode ser compreendido como uma anormalidade; pode ser de caráter individual ou coletivo; por exemplo, indivíduos brancos contra indivíduos negros; já o racismo institucional apresenta diferenças com relação ao racismo individualista por ocorrer em instituições, sejam elas públicas ou privadas, e se baseia na raça, gerando, dessa forma, a desigualdade (cf. ALMEIDA, 2019). Almeida (2019) destaca que o racismo institucional é algo mais requintado que o racismo individualista, vejamos:

Já o racismo institucional é “menos evidente, muito mais sutil, menos identificável em termos de indivíduos específicos que cometem os atos”. Porém, alertam os autores de que o racismo institucional “não é menos destrutivo da vida humana”. O racismo institucional se “origina na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, portanto, recebe muito menos condenação pública do que o primeiro tipo”. (ALMEIDA, 2019, p. 29).

As duas concepções de racismo se agregam dentro da sociedade, sendo uma delas mais explícita e outra menos encontrada, porém ambas podem causar grandes danos, apresentando o poder como fonte de todas essas discriminações, desde um indivíduo contra outro indivíduo, até de uma comunidade contra outra comunidade.

Partindo da discussão sobre o racismo individualista e institucional, seguimos para outra concepção apresentada por Almeida (2019): o racismo estrutural. Mas por quê estrutural? Há, de fato, uma sociedade estruturada com base na discriminação, sendo reproduzida por seres humanos, que agem inconscientemente e conscientemente, em todas as suas vivências. Assim, conforme Almeida (2019), o racismo é sim estrutural e, além de estrutural, ele é ainda histórico, a saber:

Por ser um processo estrutural, o racismo é também processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social, de tal sorte, quanto ao processo histórico também podemos dizer que o racismo se manifesta. (ALMEIDA, 2019, p. 162).

Apoiados na explanação sobre a raça e o racismo, podemos nos aproximar de um outro conceito, qual seja o de identidade como uma dimensão bastante importante quando nos referimos a relações étnicas e raciais. Podemos aqui afirmar que ela pode ser vista como uma consciência que o ser humano tem de si próprio; sendo assim, é válido salientarmos que o conceito de identidade tem, de certa forma, uma relação com os conceitos de diversidade, como raça, gênero, etnia etc. Para Gomes (2005, p. 12):

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes das relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica atos culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana.

Para que possamos entender melhor sobre a identidade, Hall (2005) salienta três concepções de identidades, que são: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo está relacionado à concepção da pessoa humana totalmente centrada, em que o centro da identidade é a própria pessoa. Já o sujeito sociológico apresenta uma relação com a ideia interativa, ou seja, esse sujeito procura sempre interagir com o meio; com isso, a sua identidade se dá a partir da relação do ser humano com o mundo. Por fim, o sujeito pós-moderno, por sua vez, não apresenta uma identidade fixa, essencial ou permanente, isto é, sua construção de identidade ocorre de acordo com suas vivências.

Já a etnia é entendida como um conjunto de indivíduos que partilham um mesmo ancestral, língua, crença, cultura etc.; é outro tema que gera um grande discurso, trazendo uma ampla divisão de opiniões, vejamos:

No debate atual, as questões relativas aos grupos étnicos, raça, racismo e as implicações de identidade étnica nas relações intergrupais têm servido de base para os estudos culturais. A etnicidade tem permeado também as discussões sobre diversidade atualmente, quando falamos em diferentes identidades de etnia e raça, estamos certamente explicitando a existência de diferentes grupos. Estes possuem algumas características que delimitam estas fronteiras, entre o "eu" e o "outro". (CLEMÊNCIO, 2001, p. 26).

Para Munanga (2004), a etnia se constitui por um conjunto de indivíduos, de modo que estes possuem entre si um ancestral, uma língua, uma religião em comum, etc. Ainda segundo o autor, a palavra "etnia", muitas vezes é usada por eles (racistas e antirracistas) para substituir a palavra "raça", por ser um termo mais lexical quando se refere ao racismo. Mas vale aqui atentar que:

Essa substituição não muda nada da realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais de conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e antirracistas. Constituem uma bandeira carregada para todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses. (MUNANGA, 2004, p. 13-14).

A partir das colocações citadas anteriormente, podemos notar mais sobre a distinção entre raça e etnia, apresentando claramente uma diferença conceitual. De acordo com o que afirmam Santos, Palomares, Normando e Quintão (2010) em relação a essa distinção:

Raça e etnia são dois conceitos relativos a âmbitos distintos. Raça refere-se ao âmbito biológico; referindo-se a seres humanos, é um termo que foi utilizado historicamente para identificar categorias humanas socialmente definidas. As diferenças mais comuns referem-se à cor da pele, tipo de cabelo, conformação facial e cranial, ancestralidade e genética. Por tanto, a cor da pele, amplamente utilizada como características que compõem uma raça. Etnia refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhantes genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam por si uma estrutura social, política e um território. (SANTOS; PALOMARES; NORMANDO; QUINTÃO, 2010, p. 124).

Assim, todos os conceitos aqui apontados têm sua origem, de modo que muitas vezes geram uma confusão tanto no seu uso como nas suas definições, sendo preciso, dessa forma, um estudo minucioso acerca de cada conceito e sua respectiva definição contextualizada.

1.1 Relações étnicas e “raciais”

A história da sociedade brasileira é marcada por desigualdades e discriminações, racismo e preconceito, especificamente contra os negros, de modo que frequentemente impede o pleno desenvolvimento social, econômico e político desses grupos, uma vez que essas desigualdades e racismo são marcados pela cor da pele e pela “raça” da pessoa. Para Munanga (2004, p. 5):

Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.

Ao considerar que o autor chama atenção sobre a *pseudosuperioridade autodelegada* que os brancos pressupõem possuir quando se relacionam com negros, é partindo da colocação citada que percebemos que a discriminação e o racismo ainda atingem as comunidades afrodescendentes desde a infância desses indivíduos e que os segue por toda a vida, levando muitos a deixarem a escola e até o trabalho, além de sofrerem diariamente com o medo de morrerem simplesmente pelo fato de serem “negros”, ou seja, o *outro*. Ao negarmos a ideia de raças humanas, usar aspas no termo “negro” pode emergir indícios de negação de uma determinação imposta por *outrem*, ou seja, só diz “negro” daquilo que não é branco do ponto de vista hierárquico socialmente. Mas assumir-se Negro (com N maiúsculo) demanda uma assunção da consciência política e social do lugar discursivo e de ação na mesma sociedade. Portanto, utilizam-se aspas para negar a imputação do outro do que é ser Negro.

De acordo com Rosenberg (2005), é visível que alunos negros se encontram nas piores escolas, uma vez que a exclusão deles vem se desenvolvendo de forma gradativa. A cada dia que passa, mais pessoas negras deixam as escolas, pois é comum a cultura negra não ter espaço nos centros escolares, ou seja, ela é, de fato, silenciada, o que torna essa cultura “inexistente”, de certa forma esquecida. Muitos educadores não se sentem à vontade de falar sobre o tema com os alunos ou até mesmo não possuem uma formação adequada para lidar com essa temática. Portanto, seria necessário haver formações de professores considerando o discurso sobre racismo, preconceito, discriminação etc.

As escolas assumem um papel primordial quando nos referimos ao desenvolvimento de aprendizagem significativa. Nesse sentido, destacamos a Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação e torna o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica obrigatório (BRASIL, 1996). De fato, essa lei é um marco de grande relevância quando nos referimos aos apontamentos e colocações apresentados nos parágrafos anteriores. Mas mesmo estando determinada em lei, infelizmente as escolas deixam essa temática tão importante de fora do currículo escolar, ou esta encontra-se presente no currículo, porém não é utilizada na prática, mesmo sendo de grande significância para o combate ao racismo que tanto se faz presente hoje em dia.

1.2 O conto *Negrinha*⁴

O conto *Negrinha* foi publicado em 1920, no período pré-modernista da literatura brasileira, após o lançamento das obras *Urupês*, em 1918, e *Cidades Mortas*, em 1919, do mesmo autor, Monteiro Lobato. Na mesma época da publicação do conto, a sociedade brasileira passava por um período entre o fim da escravidão e o trabalho assalariado do negro. É um conto direcionado para diversos públicos, o qual narra a história de vida de uma criança de sete anos nascida em senzala, órfã de pais escravos, que viveu toda sua infância em um lar cheio de egoísmo e preconceito. É neste contexto inóspito que viveu e morreu negrinha, pois,

Assim cresceu negrinha – magra, atrofiada, com olhos, eternamente assustada. Órfã aos quatro anos, ficou por ali, feito gato sem dono, levando pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhes sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra ora risadas ora castigos. Aprendeu a andar, mas não andava, quase. Com pretexto de que, às soltas, reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-se na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

— Sentadinha aí, e bico!! Hem??

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas. - Braços cruzados, já diabo!! (LOBATO, 2012, p. 1).

A menina não tem nome, só apelido: “Negrinha”. Era criada por uma ex-senhora de escravos, a dona Inácia, que dizia ser a “dona da Negrinha”, essa que além de não

⁴ José Bento Renato Monteiro Lobato, filho de José Bento Marcondes e Olímpia Monteiro Lobato, nasceu em 1882, em Taubaté, na região central de São Paulo. Em 1930, escreveu *Peter Pan* e em 1931 *Reinações de Narizinho*, seguindo com várias outras obras, como por exemplo o conto *Negrinha*. (WIKIPÉDIA. **Monteiro Lobato**. [S. l.], 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato. Acesso em: 24 ago. 2022; LAJOLO, Marisa e SCHWARCZ, Lilia. **Reinações de Monteiro Lobato: Uma Biografia**. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2019 e <https://cdl-static.s3-sa-east-1.amazonaws.com/trechos/9788574068572.pdf> (Acessado em 06 de Fevereiro de 2023).

cuidar da criança a maltratava, apelidando a menina com palavras nocivas, como "diabo", conforme citado anteriormente, "mosca-morta", "lixo" etc. Desse modo, tomamos o conto na dimensão de denúncia social, ou seja, no retrato da sociedade da época. O conto expressa momentos que retratam o final do século XIX, período em que os filhos dos escravos eram criados pelos patrões, sofrendo muitas violências e danos psicológicos, apresentando como exemplo a própria personagem Negrinha.

A dona Inácia é descrita pelo autor como uma mulher vaidosa e autoritária; é a partir daí que notamos as diferenças entre classes sociais da época e também como eram vistas as sinhás; dona Inácia é sempre representada pelo autor como uma mulher excepcional e admirada por "todos" ao seu redor:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, animada pelos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo no céu. Entaladas as banhas no trono uma cadeira de balanço na sala de jantar. - Ali bordava, recebendo as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma - "dama de grandes virtudes apostólicas, esteio de religião e de moral". Dizia o padre. (LOBATO, 2012, p. 1).

Relacionado às falas concebidas por Lobato (2012) citadas ao longo deste artigo, que traz em discurso as descrições entre dona Inácia e Negrinha, podemos notar as diferenças entre classes sociais, uma vez que o racismo com o termo "Negrinha" está claramente exposto, o qual vem se reproduzindo até os dias atuais, pois, como já mencionado anteriormente, de acordo com Almeida (2019), o racismo é estrutural, tendo em vista que a sociedade se encontra estruturada e, de certa forma, o reproduz.

A Lei do Ventre Livre⁵ visava dar apoio aos filhos órfãos das escravizadas ao irem morar com os patrões, porém o que deveria ser liberdade passava a ser uma onda racista contra as crianças nascidas de mães escravizadas, podendo levar à violência tanto física como também psicológica. Não está em questão a definição da lei, porém é ululante a sua ineficiência para os infantes que nasciam no bojo da escravização de suas genitoras. Como um recém-nascido pode se libertar dos cuidados da mãe? Quando este gozaria da sua liberdade longe da mãe? Ser livre e depender de uma mãe escravizada passa a ser macabro, pois culpabiliza e responsabiliza o recém-nascido a quem se delega o dever de ser livre e não o direito que pressupõe condições sociais mínimas de humanidade. Com isso chegamos à conclusão de que Negrinha não era vista como um ser humano, pois não tinha direitos e também não usufruía dos prazeres

⁵ "A Lei do Ventre Livre foi promulgada em 28 de setembro de 1871 após ser aprovada no Legislativo brasileiro. Uma das leis abolicionistas decretadas ao longo do século XIX para abolir gradualmente a escravidão no Brasil, ela determinava que os filhos de escravizadas nascidos a partir de 1871 seriam considerados livres." Veja mais sobre "Lei do Ventre Livre" em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/lei-do-ventre-livre.htm> (Acessado em 06 de Fevereiro de 2023).

da sua infância, carregando apenas o seu apelido e, ao longo de sua triste história, o fardo de ser o brinquedo da dona Inácia e suas sobrinhas, que tratavam a menina como objeto.

Negrinha foi criada atendendo à brutalidade da dona Inácia, que por um lado sempre passava uma imagem de uma boa pessoa, cuidadosa, e por outro fazia da vida da menina um lar de xingamentos, castigos, agressões físicas e morais. Esses atos traziam um regozijo de prazer para a sinhá. Negrinha carregava consigo sinais de agressão, como cicatrizes e vergões, de modo que a pequena nem poderia se defender, pois não era maltratada só por dona Inácia; esses atos de violência eram realizados por todos ao seu redor, fazendo com que seu sofrimento fosse maior.

Certo dia, dona Inácia castigou Negrinha introduzindo um ovo cozido quente em sua boca e, além disso, amordaçou a boca da criança com suas mãos para que Negrinha não gritasse e também para impedir que o padre que estava para chegar ao local a ouvisse. Sem nenhuma aparência de dó ou arrependimento, a sinhá voltou a sua "normalidade", a dama de virtudes apostólicas, descrita pelo padre, aqui já enunciado, era na verdade um ser cruel que não demonstrava nenhum afeto por Negrinha.

Em dezembro as sobrinhas de dona Inácia foram passar as férias na fazenda. Lobato (2012) descreve as crianças como ricas, criadas com todo o luxo possível, e Negrinha, por sua vez, ao ver as crianças brincarem, se assustou, pois ela não sabia o que era brincar. O assombro da garota ao ver as bonecas, que pertenciam às sobrinhas da dona Inácia, foi imenso, nunca tinha visto algo assim; as sobrinhas riam pelo fato de Negrinha ser tão ingênua. Na sequência, vemos um exemplo de racismo indireto:

Negrinha, coisa humana percebeu nesse dia da boneca que tinha alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor feliz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa e doravante ser-lhe impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! (LOBATO, 2012, p. 4).

A identificação de Negrinha com o mundo diferente da realidade que vivia se deu a partir dessas ações citadas por Lobato ao conhecer os brinquedos, podendo criar imaginações fictícias, dessa vez alegres, de modo que ela teve contato com a autêntica felicidade de ser criança de verdade.

Acabando as férias, as sobrinhas levaram consigo os brinquedos, tirando de Negrinha aquele mundo novo, conquistado e apresentado para ela, o que a fez cair em uma profunda tristeza após explorar tamanha beleza de uma vida que nunca viveu. Com tamanha tristeza, Negrinha morreu abandonada na sua esteirinha sonhando com as bonecas, deixando assim apenas a lembrança da menina que um dia descobriu o que

era brincar e que não era apenas um brinquedo particular da dona Inácia e das suas sobrinhas.

2. NEGRINHA: ENTRE O RACISMO E O BRINCAR

Segundo Jean Piaget (1973), o brincar auxilia o desenvolvimento de aprendizagens das crianças e essa ação ocorre tanto na escola quanto em espaços não escolares. Considerando essa perspectiva após a leitura do conto *Negrinha*, tencionamos que o brincar e toda sua liberdade foram retirados da vida da personagem, e não só o ato do brincar, mas também seus direitos de ser criança.

O brincar vem sendo uma temática geradora de um amplo discurso, como aqui já relatado, o qual carrega consigo abordagens, tais como cultural, psicológica e educacional. Na abordagem cultural, a criança se apropria da cultura a partir do brincar, ou seja, ao brincar a criança tem uma maior relação com os signos de uma determinada cultura; com isso ela se apropria dos significados e das próprias ideologias culturais. A abordagem psicológica se dá a partir da interação com os jogos, levando a criança à apropriação de uma melhor compreensão e funcionamento das suas personalidades e emoções. Já a abordagem educacional trata-se do brincar como desenvolvimento de aprendizagens, como mencionado nas seções anteriores. Dessa forma, o brincar envolve de fato toda a realidade da criança, tendo em vista que: "Quem brinca de certa forma pisa em chão sagrado. Já que acredita plenamente na realidade vivida e sentida, mergulhando fundo em suas águas, respeitando suas alianças" (OLIVEIRA, 2000, p. 26).

De acordo com as palavras do autor, percebe-se a importância do brincar na vida de uma criança, mas esse brincar trata-se de um brincar diferente daquele notado na obra *Negrinha*, pois dona Inácia, assim representada pelo autor, fazia da menina na verdade o seu próprio brinquedo, com o qual brincava de uma forma cruel e discriminatória. Contudo, essas ações provocavam na senhora um ar de alegria ao maltratar Negrinha, "Ai! Como alivia a gente umas boas cocres bem fincadas!" (LOBATO, 2012, p. 2). A partir das palavras de dona Inácia, atentamos para o quanto era sofrida a infância de Negrinha, crescendo e vivendo como um brinquedo nas mãos da sinhá, sem poder se expressar e tampouco se defender.

Segundo Andrade (2010), a infância é vista como uma construção social, remetendo a uma criança inteligente, forte e autônoma. A autora ainda ressalta que as crianças precisam ter o direito de voz e também de serem ouvidas. No conto em

nenhum momento Negrinha conseguiu se expressar verbalmente, não foi ouvida e principalmente não conseguiu o seu direito de conquistar sua autonomia, mas se olharmos para a nossa realidade atual ainda há crianças que vivem nessas condições.

Negrinha vivenciou todas essas situações de violências, e o seu “paraíso de infância” foi adquirido ao descobrir as bonecas das sobrinhas de dona Inácia. Esse mesmo paraíso foi retirado dela; sendo assim, ela não se apropriou da beleza da infância, além de terem sido tiradas dela a capacidade de construir seus conhecimentos e a sua capacidade de ser uma criança ativa.

O brincar das crianças, segundo Oliveira (2000), é visto como uma significação para o desenvolvimento, fornecendo condições para que elas possam desenvolver tanto o seu psicológico como também o ensino-aprendizagem. Se tudo isso estivesse presente na vida de Negrinha, ela poderia ter vivenciado uma infância, mas viveu desde pequenina até sua morte assustada, apanhando e sendo castigada, na verdade, uma violência infantil como está explícito no conto: “O corpo de negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os de casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o imã exerce para o aço” (LOBATO, 1920, p. 1).

Vale aqui salientar que a violência e o racismo contra crianças se fazem presentes atualmente, porém pode haver o racismo explícito e o implícito. O primeiro é quando há, de certa forma, desacato ou desrespeito que ocorre verbalmente, podendo levar a agressões etc. O segundo pode acontecer de forma abstrata, o que torna mais difícil o combate a esse racismo. Infelizmente tanto o racismo implícito quanto o explícito se encontram claramente empregados na vida de Negrinha.

É visível que Negrinha tinha uma vida aflita, sem amor e principalmente sem autonomia, e mesmo se ela quisesse conquistar essa autonomia, dona Inácia iria retirá-la, visto que uma das maneiras para ela se apropriar dessa autonomia seria simplesmente o ato de brincar. Oliveira (2000, p. 19) resume bem essa condição, ressaltando que: “O brincar, por ser uma atividade livre que inibe a fantasia, favorece o fortalecimento da autonomia da criança e contribui para a sua formação e até quebra de estruturas defensivas”.

Sendo assim, segundo as palavras da autora, é significativa a falta do brincar ao longo da sua infância, não se encontrando em situação social eficaz para sua idade, de modo que ela passava a ser o “passatempo” de dona Inácia e também de suas sobrinhas, não fruindo de uma boa relação entre adultos e crianças. Mwewa e Lima (2021) ressaltam três categorias para que possamos entender sobre essa relação entre

adultos e crianças: a primeira é a categoria cuidar, que se dá a partir do cuidado com as necessidades fisiológicas e higiene da criança; a segunda categoria trata-se do espaço físico, ou seja, a relação da criança e dos adultos nos espaços físicos inseridos na sociedade; e, por fim, os autores trazem a categoria afetividade, a qual transcorre por meio da afetividade dos adultos com as crianças e vice-versa. Todas essas categorias são de extrema importância para que a criança possa desenvolver tanto seu físico como também seu psicológico.

Se pegarmos como ponto de partida as colocações dos autores citados no parágrafo anterior, notamos que a falta dessa relação entre adultos e criança foi constante para a personagem Negrinha, uma vez que a única relação que dona Inácia tinha com a menina era apenas de humilhação, preconceito e violência, o que ocorria também pelas sobrinhas que debochavam a todo momento de Negrinha.

Pensemos:

Dia a dia nega-se às crianças, o direito de ser crianças. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus sentimentos da vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde cedo um destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças. (GALEANO, 1999, não paginado).

De acordo com as colocações do autor, chega-se à conclusão de que Negrinha em toda sua vida foi a criança pobre, sendo diariamente tratada como um lixo, de modo que ela se encaixa também nas crianças do meio (nem rica e nem pobre), aceitando tudo ao seu redor, ou seja, sendo obrigada a aceitar suas condições de vida. Negrinha vivia apenas pelos cantos da casa, o que nos faz refletir que o direito da criança não é só ter um lar para viver, se fazem necessários também atenção, educação e todo cuidado que for preciso, ou seja, todas as categorias mencionadas por Lima e Mwewa (2012), pois é a partir daí que entra a importância da educação na vida das crianças, ato tão grandioso que infelizmente Negrinha não se apropriou.

A educação é de fato um direito de todos, visando sempre ao desenvolvimento integral do indivíduo. Vale lembrar que sua contribuição é de grande relevância quando nos referimos à formação de um cidadão crítico. Adorno (1995) ressalta, em sua obra sobre a educação emancipadora, que a educação deve ser voltada para a formação de um indivíduo social e não para um ser humano com identidade isolada. Ele ainda enfatiza em sua obra sobre a educação ser fundamental para o combate à repetição de novas barbáries; sobre essas barbáries o autor se refere a Auschwitz na Alemanha,

que foi um dos campos de concentração construído pelos nazistas, com o objetivo de um grande extermínio de pessoas.

Veja:

É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tomem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca destes mecanismos. Os culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles o seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira Infância. (ADORNO, 1995, p. 121-122).

Na visão de Adorno (1995), a primeira infância é também um espaço de diálogo e de brincadeiras que possam abordar questões de respeito ao próximo, por exemplo, pois a infância para ele assume um papel primordial; é na infância que a criança tem sua primeira visão de mundo, sendo de grande relevância a educação presente nessa etapa, podendo ser, dessa forma, uma ação de bem social e cultural. Por outro lado, se partimos para o conto aqui analisado, não houve nada de social e cultural na vida da personagem Negrinha, muito menos uma educação que a pudesse formar como um ser humano íntegro, já que, de certa maneira, ela vivenciou na sua infância uma barbárie; não sendo semelhante à que Adorno menciona nas suas obras, entretanto ela foi privada de viver as belezas de ser uma criança, exercer o brincar.

Além das privações diárias na vida de Negrinha, ela ainda vivenciou a zombaria e o racismo das sobrinhas de dona Inácia, que são apresentadas no conto como as personagens que também fizeram Negrinha de seu brinquedo, "Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade" (LOBATO, 2012, p. 3). Percebe-se que Negrinha era de fato uma menina ingênua, em nenhum momento do conto foi relatada alguma ação que dava a liberdade de defesa e tampouco de expressão. Sabendo que Negrinha não brincava, e tendo em vista que o brincar é uma forma das crianças se expressarem:

[...] A liberdade de brincar na infância é a expressão de uma criança que diz: "Quero ser livre para brincar com a vida". Brincando, a criança aprende a ser livre harmonizando o seu mundo interior nas suas mais variadas composições com o mundo exterior. O direito de brincar como um direito de liberdade é equilíbrio e felicidade. A liberdade faz com que a criança autora das escolhas que lhe interessam, fortalecendo a construção de sua autonomia de acordo com a sua lógica própria. (CURTIS, 2006, p. 40).

As condições e as situações que levariam Negrinha à liberdade de brincar não se encontravam diante da vida que ela tinha, pois, como aqui já foi mencionado, ela vivia somente em um mundo seguido de maus tratos conduzidos por dona Inácia. Vejamos ainda que Negrinha em nenhum momento foi compreendida ou vista como um sujeito concreto, que se situa historicamente em uma sociedade.

Entretanto, foram essas sobrinhas que ao passar as férias com a “santa Sinhá”, assim apresentada por Lobato, apresentaram o brincar e o brinquedo (boneca) para Negrinha, que se encantou com tanta beleza e também se assustou, em razão do quão grande foi a sua epifania:

Negrinha olhou para os lados, resabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possível?? Depois, pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com relances de olhos assustados para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara o céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe viesse adormecer ao colo. Tamanho foi o enlevo que não viu chegar à patroa, já de volta. D. Inácia entreparou, feroz, e estiveram uns instantes assim, imóveis, presenciando a cena. (LOBATO, 1920, p. 3).

Segundo a colocação do autor, visamos à diferença que relata as desigualdades sociais na época, ou seja, de um lado as crianças brancas, ricas e bem cuidadas que usufruíam de tudo e de outro lado uma menina pobre, negra e que sofreu violência e preconceito, sem poder ao menos brincar e viver o tão glorioso faz de conta que faz parte da imaginação das crianças.

Vale aqui ressaltar o papel e o significado da boneca no processo formativo da criança, pois ao brincar a criança entra no mundo do faz de conta, podendo trazer, dessa forma, a representação da realidade na qual ela aprende a lidar com as relações sociais. Por exemplo, na perspectiva de Oliveira (2000), a brincadeira simbólica também favorece o uso das linguagens nas crianças, a partir da leitura do conto percebe-se que Negrinha mal falava, como ao brincar de boneca. A autora traz no seu texto uma contribuição mediante essa afirmação para que possamos ter um melhor entendimento: “Ao brincar de que é mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder gerar filhos, e de ser uma mãe boa, forte e confiável” (OLIVEIRA, 2000, p. 19).

Observamos, portanto, que a história de Negrinha se resume a uma criança com vida sofrida por falta dos direitos que poderiam ser favorecidos para ela, não era reconhecida como ser humano e só soube que era ser humano depois de conhecer as bonecas: “[...] sentiu-se elevada à altura de ser humano [...]” (LOBATO, 2012, p. 4). Vivenciou uma sufocante história que nos mostra sua tristeza com tanto preconceito ao

longo de toda sua infância até sua morte, de modo que Lobato ressalta que de Negrinha ficaram apenas duas impressões, uma cômica que são as zombarias das sobrinhas ricas de dona Inácia e outra de saudade da própria dona Inácia, mas uma saudade voltada ao bater e humilhar Negrinha.

Contudo, a impressão que fica, na verdade, é uma triste história que nos faz refletir, para que o ato monstruoso que ocorreu contra a personagem Negrinha não se repita com outras crianças nos dias atuais, pois elas precisam ter seus direitos e, **mais** que isso, elas precisam e devem vivenciar todos esses direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Negrinha* é, de fato, uma história crueza; ao lermos nos remete uma ideia semelhante à de uma notícia de jornal, trazendo uma narração do século passado, mas que na atualidade ainda suscita muitas indagações perdidas e que precisam obter um estudo mais aprofundado.

Trata-se de um achado científico ter como objeto 'o brincar' num texto como Negrinha e, isso tem seus custos de não podermos aprofundar todas as temáticas que aparecem de forma constelativa no interior do conto. Operamos de forma a explicitar tal achado. Esperamos abrir outras possibilidades para trabalhos futuros que se proponham a retomar outros pontos específicos do conto em articulação, como por exemplo, (1) relações ou tensões "raciais" e as infâncias; (2) feminismo e racismo; (3) relações entre adulto e criança; (4) relações entre crianças e crianças, dentre outros.

Assim, ao longo da escrita e das pesquisas para este artigo, sentimos uma tamanha tristeza. O sofrimento, a falta de amor e de cuidado presentes na vida de Negrinha são lamentáveis, ela poderia ter sido feliz, se pelo menos tivesse seu direito de brincar, de viver numa cultura em que pudesse se expressar, criar fantasias, ter seu direito de voz. Quanto fez falta o acolhimento dos seus pais (biológicos) em sua vida, ficamos ainda a pensar como pode haver uma mulher tão má como dona Inácia castigando Negrinha, tirando todos os seus direitos, nem nome a menina tinha, ou andava calada pelos cantos ou era violentada ou sofria uma onda de racismo, preconceito e discriminação.

Assim, é essencial lançar um olhar crítico introspectivo sobre a temática aqui desenvolvida. É somente com este olhar que poderemos acessar os nossos pré-conceitos e discriminações que ainda vigoram nas nossas ações para com aqueles que consideramos "outros" ou "outras". Negrinha era e é uma das nossas crianças que

pretendemos educar ou olvidar nas inúmeras instituições/contextos formativos da educação infantil. Pensar no contexto vivencial em que Negrinha não teve oportunidade de crescer e nem de viver, pois ela se fez morrer ainda criança e aquilo que ela tinha não é digno de ser chamado de vida, é negar a todo custo a possibilidade de uma atualização do mesmo contexto. Cuidar de órfãos a custo de sua desumanização não é caridade e, sim, violência.

Portanto, expressamos nossa imensa exultação ao analisar o conto *Negrinha*, análise de extrema transcendência para novos conhecimentos literários, nos fazendo pensar e repensar em todos os fatos da obra que estão voltados e dirigidos para os diversos públicos de leitores. Não há inocência ao ler o conto *Negrinha* sem a devida crítica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **A menina repetente** 4. ed. Campinas: Papirus, 2001.

ABRAMOWICZ, Anete; CRUZ, Ana Juvenal; RODRIGUES, Tatiane Consentino. A educação infantil e processos de racialização. In: PEREIRA, Reginaldo Santos; PIRES, Ennia Débora Passos Braga. **Infância, pesquisa e Educação**: olhares plurais. Curitiba: CVT, 2017. p. 15-30.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA., 2019.

ANDRADE, LBP. **Educação Infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 193 p.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 ago. 2022.

CLEMÊNCIO, Maria Aparecida. **Identidades e etnias na educação**: no discurso de futuras professoras. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81703>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CURTIS, Audrey. O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias. In: MOYLES, J. **A excelência do brincar**: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 39-49.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo avesso**. Rio de Janeiro: LP&M, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 39, fev. 1999.

HALL, Stuart. A identidade em questão. *In*: HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. São Paulo: DP&A editora, 2005. p. 7-22 Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 24 ago. 2022.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Editora Globo, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB-RJ, 3., 2003, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: PENESB, 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

PINTO, Sandra Maria Eugenia; MWEWA, Christian Muleka e BISPO, Silvana Alves da Silva. Mediações étnico-raciais no contexto da educação infantil em Três Lagoas/MS: um estudo de caso. **Zero-a-Seis**. v. 18, n. 33 p. 65-82 | Florianópolis | jan-jun/2016. *In*: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2016v18n33p65/31491>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

MWEWA, Christian Muleka; DE LIMA, Bárbara Fagundes. Relações entre adulto e criança nos relatórios de estágio na educação Infantil. **Cadernos Cajuína**, Teresina, v. 6, n. 4, p. 142-155, 2021.

OLIVEIRA, Fabiana. **Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial?** 2004112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ROSEMBERG, Fúlvia. Desigualdade de raça e gênero no sistema educacional brasileiro. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AÇÕES AFIRMATIVAS NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRAS: O CONTEXTO PÓS DURBAN, 2005, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Diversidade Educação Infantil, 2005.

SANTOS, Diego Júnior da Silva; PALOMARES, Nathália Barbosa; NORMANDO, David; QUINTÃO, Cátia Cardoso Abdo. Raça *versus* etnia: diferenciar para melhor aplicar.

Dental Press J. Orthod., Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, May-June 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.

SILVA, Flávia Carolina da; PALUDO, Karina Inês. Racismo implícito; um olhar para educação infantil. Revistas **África e Africanidades**, [s. l.], v. 14, 2011.

WIKIPÉDIA. **Monteiro Lobato**. [S. l.], 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato. Acesso em: 24 ago. 2022.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

RACISMO E O LUGAR DO BRINCAR: NEGRINHA DE MONTEIRO LOBATO (1920)

Racism and the Place of Playing: Negrinha by Monteiro Lobato (1920)

Christian Muleka **MWEWA**

Doutor em Educação

Campus Três Lagoas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Três Lagoas/Brasil

Christian.mwewa@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0002-7079-5836>

Anailta Bastos de **OLIVEIRA**

Graduada em Pedagogia

Campus Três Lagoas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Três Lagoas/Brasil

anailtabastosdeoliveira37@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-3243-6711>

Angélica Caetano da **SILVA**

Doutora em Educação Física

Colégio Pedro II

Rio de Janeiro/Brasil

angelicarural@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7349-7634>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Programa de Pós-Graduação em Educação. Av. Ranulpho Marques Leal, 3484, UFMS/CPTL/Unidade I/Bloco III- Distrito Industrial CEP: 79613-000, Três Lagoas/MS/Brasil

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, conforme Portaria UFMS 141/2020; o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001/*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001*; e apoio do CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (18/2021 - UNIVERSAL - Processo 402665/2021-0).

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: C. M. Mwewa, A. B. Oliveira, A. C. Silva

Coleta de dados: A. B. Oliveira

Análise de dados: C. M. Mwewa, A. B. Oliveira, A. C. Silva

Discussão dos resultados: C. M. Mwewa, A. B. Oliveira, A. C. Silva

Revisão e aprovação: C. M. Mwewa, A. B. Oliveira, A. C. Silva e R. G. S. Baldomar

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, conforme Portaria UFMS 141/2020; o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e apoio do CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (18/2021 - UNIVERSAL - Processo 402665/2021-0).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 13-09-22 – Aprovado em: 27-02-23